



## MEIO AMBIENTE NO JORNAL NACIONAL: DAS TRAGÉDIAS ÀS DISPUTAS POLÍTICAS

*The environment in Jornal Nacional: from tragedies to political disputes*

*Medio Ambiente em el Jornal Nacional: de tragedias a disputas políticas*

***Ilza Maria Tourinho Girardi***

Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
*ilza.girardi@ufrgs.br*

***Eloisa Beling Loose***

Pesquisadora e professora da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
*eloisa.beling@gmail.com*

***Débora Gallas Steigleder***

Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS  
*deborasteigleder@gmail.com*

***Carine Massierer***

Assessora de Comunicação na Emater/RS-Ascar e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS  
*cmassierer@yahoo.com.br*

### **Resumo**

Este artigo parte da premissa de que houve uma ampliação da pauta ambiental no *Jornal Nacional (JN)* em 2019, se comparado às pesquisas científicas publicadas anteriormente. Para verificarmos esta hipótese, mapeamos todos os conteúdos exibidos relacionados à questão ambiental nesse ano e os categorizamos a partir dos temas predominantes, com base na Análise de Conteúdo. Observamos a presença da cobertura de meio ambiente em 87,86% das edições de *JN*, porém, muitas vezes, de forma superficial, compartimentalizada e sem considerar os pressupostos do Jornalismo Ambiental. Por fim, discutimos em que medida esse processo representa uma disputa de poder entre o *JN* e o presidente Bolsonaro, que se coloca contra o cuidado ambiental ou um caso atípico por conta das tragédias registradas neste período.

**Palavras-chave:** Jornalismo Ambiental. *Jornal Nacional*. Análise de Conteúdo.

### **Abstract**

This article is based on the premise that there was an expansion of the environmental agenda in the *Jornal Nacional (JN)* in 2019, when compared to the previously published scientific research. To verify this hypothesis, we mapped all the contents displayed related to the environmental issue in that year and categorized them from the predominant themes, based on



Content Analysis. We observed the presence of environmental coverage in 87.86% of JN editions, but often superficially, compartmentalized and without considering the assumptions of Environmental Journalism. Finally, we discuss to what extent this process represents a power struggle between JN and President Bolsonaro, which stands against environmental care or an atypical case because of the tragedies recorded in this period.

**Key words:** Environmental Journalism. *Jornal Nacional*. Content Analysis.

## Resumen

Este artículo se basa en la premisa de que hubo una expansión de la agenda ambiental en el *Jornal Nacional* (JN) en 2019, en comparación con la investigación científica publicada anteriormente. Para verificar esta hipótesis, mapeamos todos los contenidos mostrados relacionados con el tema ambiental en ese año y los categorizamos a partir de los temas predominantes, con base en el Análisis de Contenido. Observamos la presencia de cobertura ambiental en el 87,86% de las ediciones de JN, pero a menudo superficialmente, compartimentada y sin considerar los presupuestos del Periodismo Ambiental. Finalmente, discutimos hasta qué punto este proceso representa una lucha de poder entre JN y el presidente Bolsonaro, que se opone al cuidado del medio ambiente o un caso atípico debido a las tragedias registradas en este período.

**Palabras clave:** Periodismo Ambiental. *Jornal Nacional*. Análisis de Contenido.

## 1 INTRODUÇÃO

O *Jornal Nacional* (JN), do Grupo Globo, é o telejornal de maior repercussão no Brasil<sup>1</sup>. Em 2019, os temas ambientais foram o destaque da programação. Esta foi a constatação de dois estudos que publicamos anteriormente e que se concentraram na análise da cobertura ambiental realizada por JN no primeiro semestre de 2019 (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER, 2020a; 2020b).

Através desses trabalhos, observamos que em 2019 os problemas ambientais se tornaram frequentes na cobertura jornalística: por um lado, houve o impacto de tragédias como o rompimento da barragem da mineradora Vale em Brumadinho (Minas Gerais), o recorde de áreas atingidas por queimadas na Amazônia e o vazamento de óleo que contaminou milhares de quilômetros do litoral brasileiro; de outro, acontecimentos políticos derivados da postura assumida pelo presidente Jair Bolsonaro, que teve como consequência, por exemplo, o desmonte de estruturas ligadas ao Ministério do Meio Ambiente, além das

---

<sup>1</sup> De acordo com aferição do Kantar IBOPE Media realizada na última semana de 2019, *Jornal Nacional* foi a programação televisiva mais assistida no período nas regiões da Grande São Paulo, Grande Belém, Grande Curitiba e Distrito Federal – superando, inclusive, os índices de audiência de novelas, carro-chefe da programação da TV Globo no horário nobre. Na pesquisa no total de 15 mercados aferidos pelo instituto, *Jornal Nacional* foi a segunda atração de maior audiência do país, quase alcançando os números de um dos folhetins da mesma emissora. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/dados-de-audiencia-nas-15-pracas-regulares-com-base-no-ranking-consolidado-0912-a-15122019-2-2/>. Acesso em: 09 set. 2020.

ameaças aos direitos dos povos indígenas, que têm seu modo de vida diretamente afetado pela destruição da natureza.

Azevedo-Santos *et al.* (2021) apontam o início da gestão Bolsonaro como marco da intensificação de ameaças aos ecossistemas e às comunidades humanas. A jornalista Eliane Brum (2019), que vive desde 2017 em Altamira, no estado do Pará, cobrindo o rastro de destruição de ecossistemas amazônicos a partir da obra da hidrelétrica de Belo Monte, cita a escolha de Ricardo Salles ao cargo de Ministro do Meio Ambiente como sinalização de permissividade do governo Bolsonaro a ruralistas, garimpeiros e madeireiros. Tendo em vista sua política de “passar a boiada”<sup>2</sup>, Salles foi o “primeiro ministro *contra* o meio ambiente” (BRUM, 2019, p.237, grifo da autora) na história do País.

Diante deste contexto, buscamos verificar, de forma panorâmica, como o *JN* apresentou a questão ambiental em 2019 e como a disputa pelo poder da informação com Bolsonaro influenciou essa cobertura. A partir da análise de todas as matérias sobre meio ambiente encontradas na plataforma virtual *Globoplay*, contabilizamos a presença do tema em 87,86% das edições, que foram categorizadas e analisadas de forma quanti e qualitativa de acordo com seus enfoques temáticos, com base na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Tensionamos os achados com o referencial teórico baseado nos pressupostos do Jornalismo Ambiental, em estudos sobre cobertura ambiental no *JN* em anos anteriores e também com achados de autores que evidenciam o confronto entre o que a imprensa retrata (neste caso particular, o *JN*) e o que é declarado por Bolsonaro como verdade.

Para além do conjunto de desastres vivenciados em 2019, é preciso considerar o esforço de rebatimento do movimento de descredibilização do jornalismo por parte do *JN*, que, inclusive, se intensifica em 2020, com a eclosão da pandemia de covid-19:

Bolsonaro disputa o poder – tanto de narrativas quanto de informação – com a mídia, questionando os veículos de comunicação como fontes confiáveis de propagação de notícias, o que se ampliou durante a pandemia de Covid-19, ficando notória a intensificação na disputa pelo controle do poder simbólico. O governo federal e a mídia, portanto, travam uma luta pela detenção da verdade e pela prevalência da confiabilidade em suas declarações (FALCÃO *et al.*, 2021, p.212).

---

<sup>2</sup> Em reunião ministerial realizada em abril de 2020, Salles utilizou a expressão “passar a boiada” para defender o desmonte de regras e estruturas de proteção ambiental enquanto a opinião pública se ocupava da discussão sobre a pandemia da covid-19. Salles foi exonerado do cargo em junho de 2021, após início de investigação da Polícia Federal sobre como teria beneficiado contrabandistas de madeira pela influência de sua posição.

Este estudo busca demonstrar a ampliação da pauta ambiental no principal telejornal brasileiro e refletir sobre as razões que levaram o meio ambiente a ser uma estratégia de confronto do telejornal ao atual governo. Conforme a perspectiva do Jornalismo Ambiental, os temas ambientais devem se tornar notícia por dizerem respeito à sobrevivência da humanidade no planeta, o que justifica seu grande interesse público. Todavia, identificamos que o volume de conteúdos encontrados também é fruto de uma conjuntura política, até então inédita.

## 2 A COBERTURA AMBIENTAL DO *JORNAL NACIONAL*

O *JN* é o telejornal mais antigo das emissoras de televisão aberta ainda no ar e completou, em setembro de 2019, 50 anos. É exibido pela TV Globo a partir das 20h30, de segunda-feira a sábado, e foi escolhido como objeto porque reúne uma série de elementos-chave que contribuem para o desenvolvimento da pesquisa: relevância e alcance nacional, cobertura de temas ambientais e acervo digital.

Para verificarmos a hipótese de ampliação da pauta ambiental em *JN*, resgatamos estudos sobre a cobertura deste tema pelo telejornal, sobretudo catástrofes ambientais, que recorrentemente são usadas como gatilhos para produção de notícias. Na televisão, as catástrofes são especialmente apreciadas pela dramaticidade das imagens de impacto. De forma geral, apesar da variedade de metodologias, recortes e teorias presentes em estudos anteriores, eles apontam para uma cobertura ambiental periférica e pontual, embora todos partam de períodos mais reduzidos do que o proposto neste artigo<sup>3</sup>.

Ao analisar a cobertura do *JN* de 30 de janeiro a 30 de abril de 2007, Lesting (2008) constata que não houve aprofundamento dos temas ambientais abordados, apesar do incremento de publicações decorrentes da ampla divulgação do 4º Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, o IPCC, e da repercussão do lançamento do filme de Al Gore *Uma Verdade Inconveniente*.

Zaguetto Alves (2011) esmiúça a cobertura sobre o tema nas edições de 2009 do *JN* e identifica que houve destaque para os efeitos catastróficos das mudanças do clima e para

---

<sup>3</sup> A produção acadêmica sobre a cobertura de temas ambientais no *JN* foi identificada através de busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações por trabalhos publicados antes de 2019. Encontramos treze trabalhos que correspondiam à busca pelas combinações de palavras-chave “Jornal Nacional + meio ambiente OR “desastre socioambiental” OR “cobertura ambiental” e selecionamos para leitura os quatro que correspondiam a uma análise da cobertura sobre temas ambientais no *JN*. O quinto trabalho conta com a autoria de pesquisador responsável por uma das dissertações recuperadas na busca e detalha o objeto de estudo - no caso, a tragédia da Samarco em Mariana.

soluções tecnológicas alinhadas ao modelo de desenvolvimento que gera a crise ambiental. Para a autora, as consequências das fortes chuvas, assunto de cobertura constante há anos, continuam sendo enquadradas de forma sensacionalista, sem explicação sobre as causas.

Já Porcello *et al.* (2016), ao analisarem a cobertura do rompimento da barragem da mineradora Samarco, em novembro de 2015, em Mariana, detectam que os alertas feitos por especialistas foram ignorados tanto pelos órgãos públicos e empresas responsáveis, quanto pelos noticiários. A cobertura no dia do desastre foi tímida, porém, com o passar do tempo, *JN* percebeu a importância dos acontecimentos ou viu-se constrangido a – diante do inegável interesse público – dar mais atenção ao assunto.

Carvalho (2018) ao avaliar a cobertura do Caso Samarco, assinala que a temática da mineração passou a fazer parte do noticiário somente quando ocorreu a tragédia, através de atitude reativa (e não preventiva). Portanto, os veículos jornalísticos, de forma geral, costumam focar a sua atenção sobre estes episódios apenas quando danos materiais e de vidas humanas já não podem ser revertidos.

Brandi (2018) verifica a frequência de temas ambientais no *JN* no período de 1º de novembro de 2016 e 31 de outubro de 2017 e conclui que há uma preferência pelas pautas factuais ou pelo acompanhamento destas, com destaque para ocorrências naturais e provocadas. O estudo aponta que há ausência de “[...] notícias sobre projetos, políticas e convênios de planejamento urbano, sobre causas e consequências do crescimento dos municípios ou com ênfase à redução de impactos ambientais nas cidades”, revelando “fragilidade preventiva ou contextual” (BRANDI, 2018, p.182).

Percebe-se então que há ampliação de espaço para a pauta ambiental ao longo dos anos, mas os estudos anteriores que têm como objeto o *JN* apontam para a falta de regularidade do tema ambiental na imprensa. Sendo assim, a cobertura restringe-se à repercussão de tragédias. Até aqui, a perspectiva da prevenção ou redução de riscos e desastres esteve bastante distante da prática jornalística. Amaral e Delevati (2013) apontam que essa preocupação nem sempre é conciliável com a lógica dos meios jornalísticos, que são orientados a noticiar acontecimentos singulares e eventos descontínuos de forma a ter alto impacto entre seu público.

### 3 APONTAMENTOS DO JORNALISMO AMBIENTAL

Neste artigo, nossa análise tem por base os pressupostos do Jornalismo Ambiental (JA) que, segundo Girardi *et al.* (2012), difere-se do jornalismo *sobre* meio ambiente. Para



além de uma editoria, especialidade ou temática, o engajamento previsto pelo JA parte de uma abordagem complexa dos fenômenos, a fim de evidenciar as conexões entre os fatores que acarretam os graves problemas ambientais observados na contemporaneidade. O JA se ocupa não somente dos problemas, mas também das soluções que superam a lógica tecnocrática das ações pontuais. De acordo com Bueno (2007), é uma prática que desempenha funções de caráter informativo, pedagógico (relacionado à educação ambiental), e político (no sentido de mobilizar os cidadãos para enfrentar os interesses que contribuem para o agravamento da crise ecológica).

Ante a complexidade dos acontecimentos ambientais, faz-se necessário um esforço maior de contextualização e concessão de espaços de fala para diferentes atores sociais, o que coincide com as diretrizes do JA, que defende, dentre outros, a abertura à diversidade de saberes (LEFF, 2009) e à pluralidade de fontes (GIRARDI; LOOSE; CAMANA, 2015). Além disso, é preciso que o Jornalismo se posicione “[...] em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger a relação do homem com a natureza” (TRIGUEIRO, 2003, p.88-89). O JA assume-se como um jornalismo engajado, comprometido com a vida.

O JA deve ser sistêmico e baseado na contextualização. Ser sistêmico, na prática, significa que o repórter precisa perceber o fenômeno principal da pauta associado a outros fenômenos. Só assim, tentando perceber o todo, será capaz de apresentar de maneira aprofundada os problemas com causas, consequências e possíveis soluções. Ao analisar os serviços jornalísticos que se dedicam à cobertura especializada em temas ambientais, Belmonte identifica cinco funções jornalísticas: informar, promover soluções, educar, mobilizar politicamente e investigar. (BELMONTE, 2020, p, 257).

Por assumir compromisso com a sustentabilidade do planeta, o jornalista ambiental informa com a intenção de transformar, mobilizar e promover o debate. Para isso,

[...] é necessário buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada. Fundem-se, desta forma, a natureza do jornalismo especializado com as demandas socioambientais que acabam por compor o horizonte de reflexão dos paradigmas emergentes. (GIRARDI *et al.*, 2012, p.148).

O JA deve ser engajado tanto no aspecto político, quanto nos aspectos social e cultural, porque é assim que “conseguirá encontrar forças para resistir às investidas e pressões de governos, empresas e até de universidades e institutos de pesquisa, muitos deles

patrocinados ou reféns dos grandes interesses” (BUENO, 2007, p.29). Contudo, como a perspectiva ambiental pode se chocar com os interesses econômicos que sustentam as grandes empresas de mídia, nem sempre é fácil ganhar espaço nesses lugares. Mesmo assim, é possível, em diferentes modalidades de jornalismo, identificar conteúdos jornalísticos que assumam, com mais ou menos ênfase, parte desta perspectiva. Girardi (2018, p.19-20) lembra que nem todos os pressupostos ideais do JA precisam estar na mesma matéria:

[...] para que uma reportagem seja considerada Jornalismo Ambiental deve apresentar algumas das seguintes características: mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador.

É, ainda hoje, bastante difícil encontrar na imprensa tradicional produtos jornalísticos que se guiem por tais preceitos, pois, conforme lembra Belmonte (2020), o diferencial dos serviços especializados de JA no Brasil passa por uma postura de engajamento para a conscientização dos desafios ambientais, e esse tipo de detalhamento é pouco viável na cobertura diária de assuntos gerais. Na mídia hegemônica, existem alguns veículos e programas que incorporam esses preceitos, sobretudo a partir da compreensão ampliada de alguns jornalistas sobre o que é, de fato, meio ambiente. Assim, avaliamos de forma positiva a visibilidade dada a alguns assuntos, que até pouco tempo atrás não eram reportados a grandes públicos.

Entendemos que a maior periodicidade das notícias ambientais na mídia hegemônica é aspecto importante para ampliar o debate público, assim como a diversidade temática, que promove novos entendimentos sobre um assunto que nos envolve diretamente. Por isto nos dedicamos a analisar como *JN* vem se apropriando da pauta ambiental, quais os enfoques temáticos presentes nas coberturas e a frequência.

#### 4 ANÁLISE DE CONTEÚDO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Apesar da falta de regularidade da pauta ambiental no *Jornal Nacional* constatada em estudos anteriores, pesquisas de 2019 em diante apontam a ampliação e transversalização da pauta ambiental no telejornal como é sinalizado em (GIRARDI; LOOSE; STEIGLEDER, 2020a; 2020b). Por isto acompanhamos as veiculações desta pauta em todo o ano de 2019 - o que nos proporcionou uma visão panorâmica das publicações e do cenário político social e

econômico do momento - e tensionamos os achados tendo por base os pressupostos do JA e a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

Para tanto, coletamos todos os conteúdos veiculados em *JN* que possuíam referência explícita com algum tema ambiental. Depois realizamos a categorização, a partir da Análise de Conteúdo, em suas perspectivas quali e quantitativa.

Apenas 38 programas, dos 313 analisados, não exibiram conteúdos ambientais, um número bastante representativo se considerarmos trabalhos acadêmicos anteriores que mencionaram a escassez do assunto no telejornal de maior audiência do Brasil<sup>4</sup>. Durante 2019 foram apresentados um total de 833 conteúdos, que equivalem ao tempo de 31h41min02s. Como as reportagens são majoritárias (86%), podemos concluir que grande parte da cobertura ambiental do *JN* apresenta alguma contextualização ou aprofundamento – em contraponto com notas cobertas (6%) e boletins (6%), que costumam ser breves.

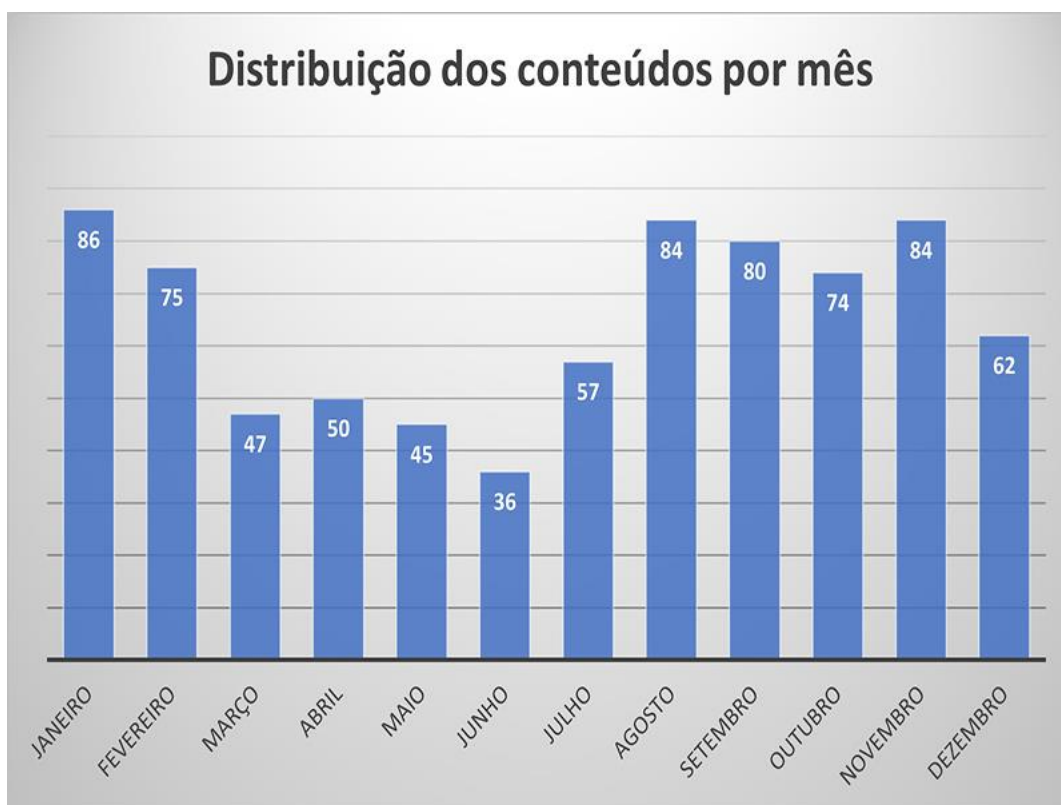
Do total de 833 conteúdos, selecionamos 780 para a categorização (somente aqueles com formato de reportagens, notas peladas e cobertas<sup>5</sup>), distribuídos dessa maneira durante o ano de 2019, conforme a Figura 1:

---

<sup>4</sup> Não há estudo anterior, orientado para a quantificação da pauta ambiental no *JN* durante todo um ano. Logo, não podemos (e não é nosso objetivo) realizar comparações. Lembramos estudos anteriores para destacar a escassez relatada, que não se reproduz no ano de 2019.

<sup>5</sup> Ou seja, excluímos da análise os boletins que anunciam a pauta do dia em *JN* exibidos durante outras programações da emissora.





**Figura 1** – Número total de conteúdos sobre meio ambiente em JN para cada mês de 2019.

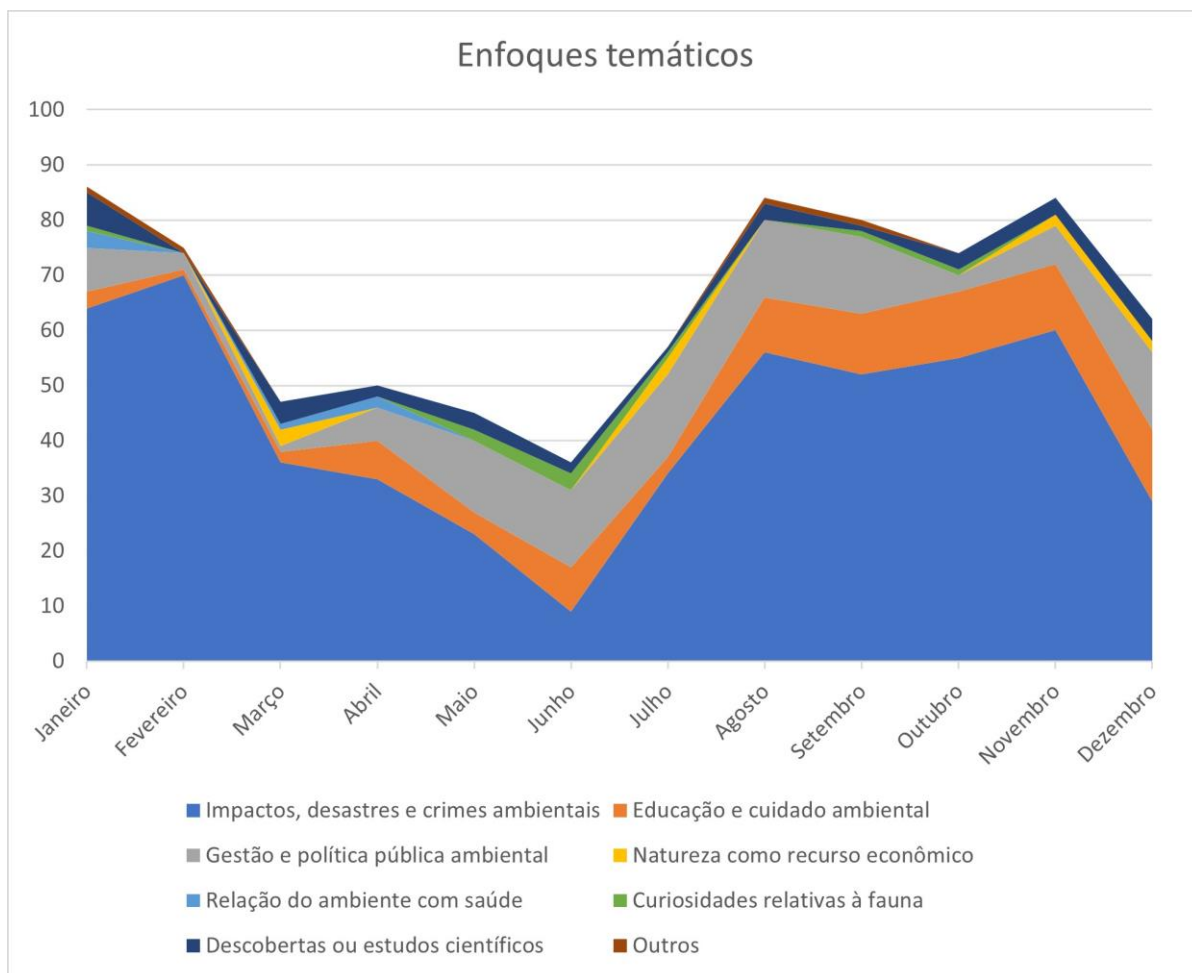
**Fonte:** Elaboração própria (2023)

Na análise qualitativa, buscamos identificar os padrões de consenso e dissenso na cobertura ambiental de *JN* tendo em vista os procedimentos de inferência pelos quais se propõe organizar as mensagens. Após observarmos todos os vídeos coletados, fizemos a análise categorial a partir do enquadramento predominante de cada matéria, seguindo a lógica de uma leitura flutuante. Empreendemos a distribuição do *corpus* em enfoques temáticos a fim de posteriormente avaliar a recorrência desses elementos ao longo do período analisado. As categorias definidas e suas descrições são as seguintes:

1. *Impactos, desastres e crimes ambientais* – engloba conteúdos decorrentes de eventos extremos e de crimes ambientais, ambos associados a desastres ambientais, além dos impactos negativos que afetam a relação humanidade-natureza. Nesta categoria, identificamos doze subcategorias que serão detalhadas na sequência;
2. *Educação e cuidado ambiental* – abarca conteúdos que mostram a conservação e preservação através de uma perspectiva ambiental, trazendo uma abordagem

orientada para conscientização e educação ambientais. Aqui também realizamos uma subcategorização em razão da heterogeneidade de temas abordados;

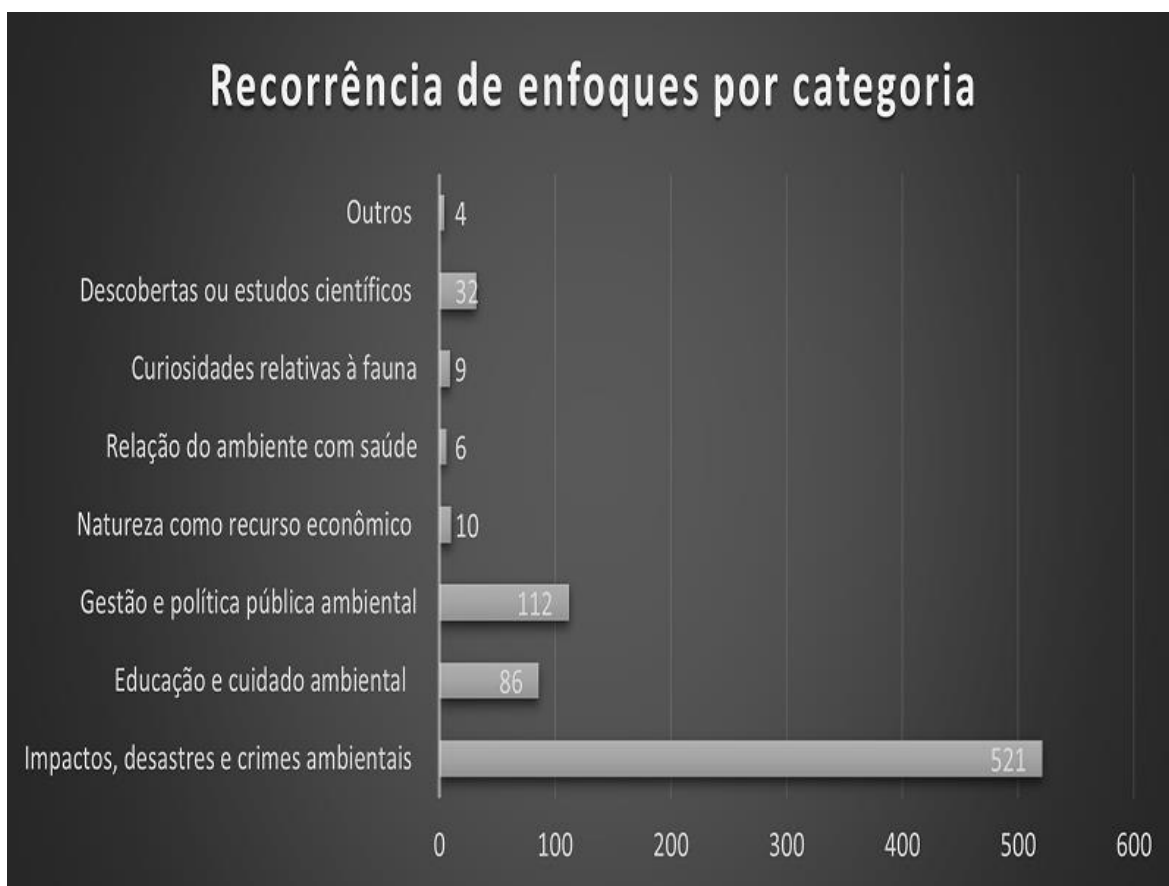
3. *Gestão e política pública ambiental* – reúne conteúdos a respeito de decisões políticas e de governança que afetam o meio ambiente, especialmente aquelas ligadas ao poder público nos diferentes âmbitos (federal, estadual e municipal);
4. *Natureza como recurso econômico* – conteúdos que falam dos recursos naturais como algo a ser explorado para beneficiar a economia;
5. *Relação do ambiente com saúde* – engloba notícias que tratam da interface entre saúde e meio ambiente, desde que a relação seja explícita;
6. *Curiosidades relativas à fauna* – conteúdos pitorescos sobre animais;
7. *Descobertas ou estudos científicos (monitoramento de problemas ambientais)* – abarca conteúdos derivados de pesquisas científicas sobre aspectos ambientais, assim como relatórios de Organizações Não Governamentais (ONGs) ou da Organização das Nações Unidas (ONU);
8. *Outros* – reúne efemérides, obituários de pessoas ligadas ao campo ambiental e outros assuntos que apareceram de forma residual.



**Figura 2** – Variação das ocorrências de enfoques temáticos na cobertura ambiental de *JN* ao longo dos meses de 2019.

**Fonte:** Elaboração própria (2023)

Detalhamos na Figura 3 os números absolutos de cada enfoque temático. A maior recorrência, com 521 conteúdos veiculados, foi da categoria *Impactos, desastres e crimes*.



**Figura 3** – Números das ocorrências de conteúdos em cada enfoque temático na cobertura ambiental de JN em 2019

**Fonte:** Elaboração própria (2023)

Em razão da predominância de reportagens classificadas na categoria ***Impactos, desastres e crimes*** (521), identificamos doze subtemas que retratam os enquadramentos propostos por JN e o respectivo número de ocorrências: *Rompimento de barragem de minério* (164); *Queimadas* (94); *Chuvas intensas/temporais* (79); *Derramamento de óleo* (61); *Ciclones, Terremotos, vulcões, tufões, tornados, avalanches, ondas extremas de calor e frio* (37); *Invasão de terras indígenas* (20); *Desmatamento* (14); *Estiagens/secas* (12); *Caça, pesca e exploração* (11); *Poluição das águas* (6); *Mudanças climáticas* (5); e *Outros* (18).

Destes, quatro subtemas se destacaram por sua relevância tanto pelo número de ocorrências como pelo tempo de cobertura a eles dedicados: *Rompimento de barragem de minério*, cujo acontecimento catalisador foi o rompimento de barragem de rejeitos de mineração da empresa Vale no município de Brumadinho (no estado de Minas Gerais), em 25 de janeiro; *Chuvas intensas/temporais*, que repercutiu diversas ocorrências intensificadas no mês de março, especialmente na região Sudeste do Brasil; *Queimadas*, por conta das grandes

proporções de uma temporada de incêndios criminosos na Amazônia, cuja fumaça percorreu milhares de quilômetros em direção à região Sul e culminou com a cobertura total do céu de São Paulo às três da tarde no dia 19 de agosto; e *Derramamento de óleo*, assunto que atingiu pico de repercussão em outubro devido ao vazamento de petróleo que atingiu o litoral do Nordeste.

Estas ocorrências têm em comum a queda abrupta de continuidade da cobertura no mês seguinte após o pico. A tendência é mais atenuada no caso de chuvas intensas e temporais: ainda que haja sazonalidade e despreparo das maiores metrópoles brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro, localizadas no Sudeste) na mitigação e adaptação frente à intensificação de tais fenômenos pela crise climática global, estes eventos estão distribuídos durante o ano também nas demais regiões do País. Já nos demais casos, verifica-se que os acontecimentos ligados às tragédias cumprem os critérios de noticiabilidade associados ao negativo, à morte e ao inesperado. O aspecto factual dos desastres e a geração de imagens impactantes é uma combinação que cumpre os critérios de seleção de notícias pelos telejornais.

A abordagem predominante é a seguinte: primeiramente, irrompe a catástrofe, e o jornal repercute imediatamente com as informações já apuradas. Como exemplo, todos os boletins contabilizados na análise – ou seja, 6% do tempo total de cobertura jornalística – são referentes a rompimento de barragem de minério, e todos, exceto um, têm relação com o rompimento da barragem da Vale em Brumadinho. Estas inserções na programação da emissora, para além do horário de exibição do *JN*, evidenciam o caráter urgente do acontecimento. Em sequência, os desdobramentos são enquadrados a partir dos dramas humanos, com destaque para narrativas de casos que ilustram o impacto dos eventos na vida de famílias e de comunidades vitimadas. Por fim, com a morosidade de investigações que buscam responsabilização e o esgotamento dos vieses narrativos, o tema sai do noticiário e as repercussões ficam restritas a notas com poucos segundos de duração, como no caso do derramamento de óleo: após a impossibilidade de comprovar a origem do vazamento, as últimas aparições do tema são em notas cobertas de 20 segundos.

A categoria *Gestão e política pública ambiental* (112) foi a segunda mais recorrente, reunindo ações e discursos de representantes governamentais a respeito da pauta ambiental. É importante frisar que classificamos nesta categoria questões como reação do governo a acontecimentos registrados em *Impactos, desastres e crimes*, e que as categorias, portanto,

podem se retroalimentar com a repercussão de acontecimentos que originaram os subtemas da análise.

Por exemplo, embora reportagens como *Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) registra aumento de 88% de desmatamento na Amazônia em junho*, exibida em 4 de julho, esteja categorizada em **Impactos, desastres e crimes**, com subtema *Desmatamento*, a divulgação desses dados gera posteriormente um acontecimento político cuja repercussão é classificada em **Gestão e política pública ambiental**: a exoneração do diretor do INPE, Ricardo Galvão, é efetivada no dia 2 de agosto, após insatisfação do presidente Jair Bolsonaro e do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, com a publicação de tais dados preocupantes. Sobre este tema, é relevante observar que as consequências podem ser verificadas, ainda, na subcategoria *Queimadas*, cuja recorrência emerge a partir do mês de agosto – isto porque à derrubada de árvores na floresta se sucede o fogo criminoso, recurso utilizado para a abertura de pastagens e outras atividades de exploração do solo e dos recursos naturais da região.

Assim como abordagens sobre desmatamento, a questão indígena perpassa diversas categorias. Há a subcategoria *Invasão de Terras Indígenas*, na categoria **Impactos, desastres e crimes**, mas há pautas em **Gestão e política pública ambiental** que poderiam aprofundar discussões sobre a representatividade dos povos indígenas na esfera pública. Por exemplo, em 25 de setembro, a reportagem *Líderes indígenas repudiam a presença de índia na delegação brasileira que foi à ONU* repercute a participação de Ysani Kalapalo na Assembleia Geral da ONU, em Nova Iorque, em nome dos povos da região do Xingu, que não a reconhecem como líder e criticam seu apoio ao governo de Jair Bolsonaro.

Convém ressaltar que muitos temas ambientais estão em evidência nessa categoria em razão da postura do governo federal, que confronta cientistas e ambientalistas, ao promover uma política que reduz o meio ambiente a recurso para crescimento econômico – de forma explícita e sem limites. Esse posicionamento ganha destaque na imprensa, que, de maneira geral, contrapõe de forma crítica as declarações e ações de Bolsonaro porque também é atacada por ele. No caso específico do *JN*, esse embate discursivo ganha relevo, já que seu espaço de legitimidade passa a ser usado para desmascarar as afirmações mentirosas do presidente, não apenas sobre meio ambiente, mas também sobre a ciência e o próprio jornalismo. Nesse sentido, temas são reiterados e desdobramentos que não teriam espaço em outro contexto são rememorados, até como maneira de corrigir as manifestações do presidente. Conforme Falcão *et al.* (2021, p.225):



[...] ao dispensar boa parte da veiculação de seu noticiário em questionar os atos e as palavras proferidos por Jair Bolsonaro, destacando seus erros e buscando promover o telejornalismo de acordo com os princípios próprios da TV – de educar, entreter e instruir –, o *JN* imprime uma abordagem didática para com seus telespectadores, priorizando narrativas pedagógicas, próprias de um noticiário atento às demandas dos cidadãos.

Porém, não é apenas seu caráter didático e o compromisso com os fatos que guiam o jornalismo do *JN*. Em uma sociedade permeada pela desinformação, há um esforço maior em realizar a checagem das declarações e dos dados informados, sobretudo se quem as propaga costuma depreciar o trabalho dos jornalistas. E, nesse contexto, as questões ambientais tornaram-se chave para confrontar o presidente, que nem mesmo em discursos oficiais para a comunidade internacional deixa de omitir, distorcer ou criar fatos ambientais, criando uma realidade paralela alheia à vida dos brasileiros.

A terceira categoria mais recorrente, ***Educação e cuidado ambiental*** (86), foi dividida – por conta da heterogeneidade de questões abordadas – nas seguintes temáticas: *Reciclagem/lixo*, *Reflorestamento*, *Produção e Consumo Consciente*, *Preservação da Natureza*, *Cuidado com fauna* (recuperação de animais mutilados, reprodução de espécies em extinção, etc.), *Manifestações e ações em prol do clima* e *Outros*.

O subtema mais acionado esteve associado ao clima, impulsionado pelo *efeito Greta Thunberg*, jovem ativista sueca escolhida personalidade de 2019 pela revista *Time* e cujo posicionamento originou uma série de greves ou manifestações em prol do clima ao longo do ano. Ressaltamos que *Mudanças Climáticas* é também um subtema da categoria ***Impactos, desastres e crimes***, mas em tais ocorrências, assim como nas menções ao tema nas categorias ***Gestão e política pública ambiental*** e ***Descobertas e estudos científicos*** (32), o enfoque foi predominantemente negativo. Em comum entre todas essas ocorrências, está a abrangência internacional das reportagens, assinadas por correspondentes dos Estados Unidos – quando ocorreu a Assembleia da ONU, em setembro – e do Reino Unido – em virtude da popularização dos protestos de jovens ativistas em grandes cidades como Londres. Grandes eventos e as marchas globais do clima demonstraram ser gatilhos frequentes na cobertura do clima, mas que se mostram, na maioria das vezes, distantes do cotidiano das pessoas.

Ressaltamos que as categorias de análise ***Descobertas ou estudos científicos*** (32), ***Natureza como recurso econômico*** (10), ***Curiosidades relativas à fauna*** (9), ***Relação do***

**Ambiente com Saúde** (6) e **Outros** (4) não reuniram registros significativos para a caracterização da cobertura de *JN* em 2019.

Outras duas categorias trazem discussões promissoras, mas não aprofundadas pela cobertura. Em **Natureza como recurso econômico** (10), as questões sobre a financeirização de recursos naturais não são debatidas, e as reportagens se limitam a reportar os movimentos dos mercados de *commodities* e dos governos. Outro tema cujo alinhamento com a questão ambiental deixa de ser abordado por *JN* é o da ocorrência sazonal de doenças infecciosas como dengue, febre amarela, chikungunya e zika vírus, que têm como vetor o mosquito *Aedes aegypti*. Estes registros estão na categoria **Relação do Ambiente com Saúde** (6). As reportagens que repercutem o aumento dos casos, em todo o Brasil, limitam-se a expor números de doentes em comparação a anos anteriores. Ao mencionar as causas dos surtos, *JN* restringe-se a destacar focos de água parada, em que o mosquito procria, e não faz correlação entre o aumento de casos e as médias históricas de temperatura, por conta das mudanças climáticas.

Por outro lado, durante o processo de coleta de dados, acabamos por criar a subcategoria *Agrotóxicos* em **Impactos, desastres e crimes** por percebermos a recorrência de muitas pautas com enquadramento a partir deste tema. Importante ressaltar, no entanto, que essa ampliação da cobertura sobre o assunto é consequência negativa da repercussão de medidas do Ministério da Agricultura para liberação e incentivo do uso de mais agrotóxicos nas lavouras brasileiras – ou seja, mais uma vez o meio ambiente ganha espaço em função de uma ação governamental que nega a necessidade de cuidar da natureza e da própria vida, como foi evidenciado durante a pandemia de covid-19. Em análise feita durante a crise sanitária, Borges (2021, p.326-327) reforça que o discurso crítico do *JN* frente ao chefe de Estado desempenha um duplo papel:

O contraponto cidadão diante de um governo omissivo e irresponsável fortalece a posição simbólica do telejornal como espaço de cidadania e defesa de quem não encontra refúgio nas políticas públicas. Por outro lado, investir em pautas e enquadramentos que exponham as entranhas da ausência de uma liderança nacional confiável transforma-se em arma de desgaste daquele a quem o grupo de mídia se opõe.

A estratégia é similar quando se cobre meio ambiente. Entendemos que esse aumento da cobertura ambiental coincide com um período de contraposição do Grupo Globo (e de outros veículos jornalísticos) ao presidente Jair Bolsonaro, que adota uma política contra o meio

ambiente e os direitos humanos e de descrédito ao trabalho da imprensa. As falas de Bolsonaro, muitas vezes orientadas para o negacionismo dos problemas ambientais e/ou acusações aos seus defensores, se tornam gancho para a produção de notícias que esclareçam dados e informações sobre a relevância de se preservar a natureza. A questão ambiental torna-se, assim, mais um gatilho para que o telejornal reprove as atitudes do Governo.

Em relação à abrangência, verificamos que a maioria dos conteúdos se centra no contexto nacional, com 618 ocorrências, seguida pela cobertura de caráter internacional com 155. Apenas sete das matérias analisadas referem-se a ambas. Esse é um resultado esperado, já que o *JN* busca mostrar o que aconteceu de mais importante no País, contribuindo, inclusive, para a construção do imaginário nacional.

De todo modo, salienta-se o dado visto que muitas notícias ambientais com foco na divulgação científica tendem a ser internacionais, assim como, no caso deste recorte, as ações globais em prol do clima.

### 3 CONSIDERAÇÕES

Nosso estudo revela que a cobertura ambiental do *JN* foi consideravelmente ampliada em 2019, se observarmos o que pesquisas anteriores mostravam sobre o telejornal. A questão ambiental esteve presente quase que diariamente, em 87,86% das edições exibidas no período. 86% da pauta ambiental foi abordada em reportagens e 14%, em boletins, notas e chamadas. Porém, qual a razão dessa ampliação? O que as recorrências temáticas nos dizem sobre os assuntos e enfoques selecionados?

Em primeiro lugar, podemos afirmar que a quantidade e a gravidade dos desastres ambientais impulsionaram a exposição do tema, mas a cobertura não se restringiu a eles. O ano de 2019 foi marcado por uma série de tragédias de grande envergadura, lembradas nas retrospectivas e sentidas até hoje pelos afetados. Além do crime ambiental de Brumadinho, houve aumento de queimadas na Amazônia, no Cerrado e no Pantanal, derramamento de óleo no Nordeste, concentração recorde de gases de efeito estufa e incremento no desmatamento. Como gatilhos já conhecidos da cobertura ambiental, era de se imaginar que um ano assim teria mais espaço para o debate ambiental, especialmente quando os desastres surgem como “novidade” e envolvem muitas pessoas.

Todavia, a análise realizada nos indica que houve acréscimo da presença da temática ambiental nas edições do *JN* regularmente, mesmo quando não há os picos de cobertura

associados às tragédias. Consideramos positiva tal intensificação da pauta sobre meio ambiente devido à audiência e ao alcance desse telejornal, entendendo que a apresentação constante do tema cumpre com a função educativa do JA. É claro que o aumento de notícias, por si só, não garante a qualificação da cobertura, mas reforça a conquista de um espaço que antes era concedido apenas em datas comemorativas, como o Dia do Meio Ambiente, ou em eventos esporádicos.

Como grande parte do conteúdo está focada no contexto nacional, podemos constatar outro aspecto positivo: a escolha por fatos mais próximos à realidade dos telespectadores. Mesmo sendo um país de dimensões continentais, pode impactar mais o telespectador um fato ocorrido no Brasil do que no Exterior. Isso pode contribuir com a formação da consciência ecológica do público pela possibilidade de conhecer melhor os eventos relatados com suas possíveis causas e consequências. Com base na perspectiva do JA, destacamos a importância da consciência ecológica para a vigilância de ações e políticas implementadas pelos governos federal, estaduais e municipais nocivas à preservação do meio ambiente e da própria vida num contexto mais amplo.

O enfoque sobre *Impactos, desastres e crimes ambientais* se mostrou predominante, mas *Educação e cuidado ambiental* ficou em terceiro lugar quando tratamos do número de ocorrências, após as discussões político-econômicas atreladas à gestão governamental. Isso revela que há um esforço de informar e denunciar, mas também de sensibilizar, educar, apontar saídas. Em *JN*, os princípios do JA aparecem nas brechas do sistema, em partes, quando é possível. Observando-se o panorama anterior de estudos na área, *JN* mostrou-se mais aberto à temática ambiental, com maior articulação da problemática ambiental com temas econômicos, políticos e sociais.

Mesmo em menor escala, a cobertura internacional também foi relevante para que tomássemos conhecimento do que ocorre no Exterior e quais as soluções adotadas para sanar os problemas. Tal conhecimento é importante para gerar uma visão crítica a respeito das medidas ambientais implementadas pelo governo Jair Bolsonaro.

Ressaltamos o papel do contexto político para maior visibilidade das pautas ambientais. Os posicionamentos da administração federal sobre meio ambiente forçaram uma maior discussão na imprensa, que passou a confrontar tomadas de decisão que eram questionadas pela comunidade científica, inclusive apontando para distorções nas falas do presidente. Nessa disputa pela versão dos fatos com um governo assumidamente antiambiental, o *JN* tornou-se um promotor de questões antes invisibilizadas (não apenas pelo

campo jornalístico). Na medida em que os absurdos na área ambiental aparecem, o telejornal busca chamar atenção do público de modo a mostrar que mentiras estão sendo ditas – ou verdades estão sendo ocultadas e manipuladas. Logo, compreendemos que mais do que ter passado por uma conscientização radical ou ter assumido os pressupostos do JA, o *JN* passou a cobrir mais a questão ambiental porque, em certa medida, se revelou uma fórmula fácil para atingir o governo federal.

No entanto, o maior volume de notícias precisa ser acompanhado de maior contextualização. As reportagens sobre os agrotóxicos, por exemplo, poderiam ir além e mostrar que é possível produzir sem o uso de tais venenos, mesmo em grandes extensões, mostrando o descompasso das políticas agrícolas com a questão socioambiental. Deveriam abordar a falta de uma reforma agrária, a existência da grilagem em terras indígenas e quilombolas e em assentamentos, e os próprios interesses do sistema financeiro como temas correlatos. Nesse sentido, destacamos um silenciamento geral, pois as abordagens não vão às raízes do problema e não apontam soluções sistêmicas, como as sugeridas pela agroecologia, que não se restrinjam à lógica tecnocrática. As notícias festejando o aumento da exportação de soja, por exemplo, não relacionam a safra com o uso de agrotóxicos, inclusive os proibidos e que são contrabandeados, e não abordam o impacto do uso da terra na intensificação das mudanças climáticas. O aumento do Produto Interno Bruto (PIB) nunca é relacionado às perdas de vidas e aos gastos do Sistema Único de Saúde no tratamento de doenças, em especial o câncer, devido à exposição aos agrotóxicos.

Entendemos, então, que o noticiário estudado se volta, como o esperado, primordialmente ao factual, repercutindo tragédias e desastres imediatamente após sua ocorrência, baseando-se nas fontes oficiais. Há arrefecimento da cobertura à medida em que outros acontecimentos urgentes entram na pauta. Neste sentido, o caráter sistêmico e o engajamento que baseiam o JA são ignorados. Observou-se que a abordagem, geralmente, não é aprofundada e nem conta com pluralidade de vozes.

Mesmo constatando lacunas e aspectos que poderiam ser aprimorados na cobertura, e observando razões outras para que o meio ambiente apareça no *JN*, destacamos o aspecto positivo do aumento da cobertura ambiental, que orienta para o entendimento do meio ambiente como uma pauta transversal e fomenta uma sensibilização, já que a maior frequência do tema tende a agendar o debate público. Identificamos que o desmonte das políticas públicas ambientais e a eclosão de desastres desencadearam uma ampliação da cobertura. O telejornal de maior audiência no Brasil, de maneira geral, honrou o compromisso



do jornalismo com o interesse público (mesmo que estivesse em disputa outros interesses), fazendo circular a temática ambiental, cuja importância hoje é incontestável, ainda que pudesse qualificar mais esse trabalho, assumindo mais vezes alguns dos pressupostos do Jornalismo Ambiental.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marcia.; DELEVATI, Ananda. Miradas cruzadas: os campos científico e jornalístico na cobertura de desastres climáticos. **Animus**, v. 12, p. 20-38-38, 2013.
- AZEVEDO-SANTOS, Valter M. *et al.* Conservation of Brazilian freshwater biodiversity: Thinking about the next 10 years and beyond. **Biodiversity and Conservation**, v. 30, n. 1, p. 235–241, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10531-020-02076-5>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (edição revista e ampliada). São Paulo: Edições 70, 2011.
- BELMONTE, Roberto Villar. **O jornalismo ambiental: três perspectivas em cinco décadas de especialização no Brasil megadiverso**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.
- BORGES, Rogério Pereira. Jornal Nacional x Bolsonaro no ringue da pandemia: credibilidade, recortes e ênfases na cobertura da Covid-19 associados a críticas ao presidente. In: OLIVEIRA, Rodrigo C.; CHRISTINO, Daniel; MACHADO JÚNIOR, Eliseu V. (orgs.). **Covid-19 e a Comunicação**. Goiânia: Cegraf UFG, 2021. pp.302-329.
- BRANDI, Daniel Pereira. **Agenda do meio ambiente no Jornal Nacional: avaliação da qualidade da relevância temática**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Sergipe, 2018.
- BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas: um olhar sobre o Brasil, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2019.
- BUENO, Wilson. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.
- CARVALHO, Douglas. **O Caso Samarco no Jornal Nacional: narrativa e personagens do maior desastre socioambiental do Brasil**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018. 116p.
- FALCÃO, Luiz Felipe N. *et al.* Conflitos em pauta e em cena: a disputa de poder entre Bolsonaro e JN em um panorama de pandemia. **Revista Líbero**, ano 24, n. 47, p. 210-227, 2021.
- GIRARDI, Ilza M. T; LOOSE, Eloisa B; STEIGLEDER, Débora G.. Novos rumos da cobertura ambiental brasileira: um estudo a partir do Jornal Nacional. **Trayectorias Humanas Trascontinentales**, v. 7, p. 47-62, 2020a.
- GIRARDI, Ilza M. T; LOOSE, Eloisa B; STEIGLEDER, Débora G. Ampliação e transversalização da pauta ambiental no Jornal Nacional. In: FERNÁNDEZ-REYES, Rogelio; RÓDRIGO-CANO, Daniel; GIRARDI, Ilza (Orgs.). **Comunicación y cambio climático. Contribuciones actuales**. Sevilha, 2020b.





GIRARDI, Ilza M. T. Um semestre muito especial: O surgimento da primeira disciplina de Jornalismo Ambiental. In: GIRARDI, Ilza M. T.; MORAES, Cláudia H.; LOOSE, Eloisa B.; BELMONTE, Roberto V. (orgs). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática**. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. pp.13-24.

GIRARDI, Ilza M. T. *et al.* Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **C&S**. São Bernardo do Campo, v. 34, n. 1, p. 131-152, jul./dez. 2012.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloisa Beling; CAMANA, Ângela. Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. **Intexto**, n. 34, p. 362-384, set./dez. 2015.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LESTINGE, Roberto. **A visão da ecologia no Jornal Nacional**. Dissertação (Mestrado em Ecologia Aplicada). Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2008. 190p.

PORCELLO, Flávio *et al.* **O telejornalismo e a cobertura de desastres ambientais: uma análise do caso Samarco**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. Anais eletrônicos. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0683-1.pdf>. Acesso em: 13 agosto 2020.

TRIGUEIRO, André. Meio ambiente na idade média. In: TRIGUEIRO, André. **Meio ambiente no século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p.72-89.

ZAGUETTO ALVES, Ana Paula. **O Jornal Nacional e a crise ambiental: uma análise crítica do discurso das notícias sobre as mudanças climáticas**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2011. 98p.





*Original recebido em: 07 de dezembro de 2021*  
*Aceito para publicação em: 10 de março de 2023*

### *Ilza Maria Tourinho Girardi*

Professora Titular convidada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É líder do grupo de pesquisa em Jornalismo Ambiental CNPq/UFRGS. Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela UFRGS, mestrado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Criou a primeira disciplina de Jornalismo Ambiental no Brasil, no Curso de Jornalismo da UFRGS. Coordena o projeto de extensão Observatório do Jornalismo Ambiental. É coordenadora do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul.

### *Eloisa Beling Loose*

Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre e doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (CNPq/UFRGS). Atua na área de comunicação ambiental e nas suas interfaces com mudanças climáticas, riscos e desastres.

### *Débora Gallas Steigleder*

Jornalista, mestra e doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua e pesquisa com especial interesse no diálogo entre as áreas de comunicação, educação e meio ambiente.

### *Carine Massierer*

Jornalista, especialista em marketing e mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na área pesquisa, de assessoria de imprensa, na capacitação em comunicação de agricultores (as), marketing rural, reportagens para rádio e televisão e comunicação ambiental.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

